

"ESTRANGEIROS" ajudam a impulsionar o País: Dia do Imigrante é comemorado hoje. Correio Popular, Campinas, 25 jun. 1989.

“Estrangeiros” ajudam a impulsionar o País

Dia do Imigrante é comemorado hoje

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030672

Como seria Campinas - e todo o Brasil - sem a presença dos imigrantes? A pergunta é difícil de ser respondida ou, até mesmo, impossível, já que sua participação e a de seus descendentes foi e continua sendo fundamental para o desenvolvimento da cidade e do País. Nos aspectos econômico, social e cultural, especialmente, a atuação destes “estrangeiros” é marcante. Com muita determinação, força de vontade e amor ao novo “lar”, eles ajudaram e deram um forte impulso para a agricultura, a indústria, o comércio, enfim, para uma expansão generalizada.

Na cidade, o período de maior fluxo de imigrantes ocorreu entre 1870 a 1920, mas até hoje ainda é significativo o número dos que chegam em busca de uma nova vida. A primeira geração sofreu muito para se adaptar e conseguir seu “espaço” e não foi mais fácil para a seguinte, melhorando apenas a partir da terceira descendência, que se integrou completamente na sociedade local. As tensões sociais, a criminalidade, a mendicância foram fatores que durante muitos anos acompanharam a vida dos imigrantes. A superação se deu com trabalho e esforço, com

vários exemplos conhecidos e muitos mais anônimos.

Segundo o diretor do Centro de Memória da Unicamp, José Roberto do Amaral Lapa, “a contribuição dos imigrantes foi e é fundamental. São diversas as indústrias, os clubes, as escolas e as atividades comerciais, além da agricultura, que comprovam sua importância.

Houve uma grande polêmica quando eles chegaram para substituir a mão-de-obra dos escravos. Mas está mais do que provado que, sem os imigrantes, não haveria tamanho desenvolvimento na região e no País”, comentou.

Hoje, quando se comemora o Dia do Imigrante, a melhor maneira de homenagear estes japoneses, portugueses, italianos, libaneses, alemães, espanhóis, holandeses, chineses e todos os de outras colônias aqui radicadas, é usar a própria mensagem que eles passam, ou seja, de gratidão eterna. Os imigrantes se dizem devedores, pois conseguiram encontrar uma nova pátria e respeito. Mas ninguém duvida que a troca foi justa, porque seus ensinamentos e realizações continuam dando frutos.

"ESTRANGEIROS" ajudam a impulsionar o País: às vezes, saudade bate forte.
Correio Popular, Campinas, 25 jun. 1989.

Às vezes, saudade bate forte

Atraído principalmente pelo idioma, o português Antonio de Almeida Carvalho, após 19 anos no Brasil — 15 em Campinas —, afirma que para os que têm vontade de trabalhar, como é o seu caso, este é o lugar certo para se viver. "É um bom País, apesar dos altos e baixos na economia. Aqui existe liberdade e paz, coisas difíceis de encontrar em outras partes do mundo. A saudade bate forte, mas não o suficiente para me fazer voltar para Portugal".

Nascido na cidade do Porto, Antonio Carvalho, um comerciante de 34 anos de idade, já voltou algumas vezes para visitar seus familiares que continuam

morando "além-mar". Em 1970, quando deixou sua terra, conforme lembrou, "Portugal enfrentava problemas e uma guerra com a África. Quem tinha uma chance de sair não perdia a oportunidade. Atualmente, quem está lá não viria para o Brasil, mas, quem está aqui não voltaria".

Motivos para ficar não faltam, entre eles a esposa brasileira e os filhos, assim como os amigos que vem colecionando ao longo dos anos. "Foi uma adaptação tão boa que me considero um brasileiro como outro qualquer. Trabalho, cumpro com meus compromissos e acredito estar colaborando para o crescimento de Campinas, e do Brasil", frisou.

"ESTRANGEIROS" ajudam a impulsionar o País: terra deu muitas oportunidades.
Correio Popular, Campinas, 25 jun. 1989.

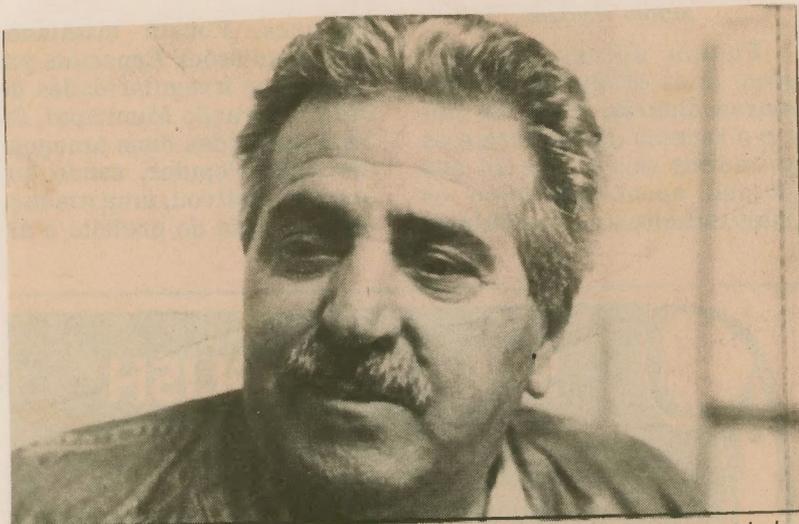
Terra deu muitas oportunidades

Hassan Mohamad Ali Mourt Ada deixou o Líbano e veio direto para Campinas em 1951, e é mais um imigrante que considera o Brasil o melhor lugar do mundo para quem tem vontade de trabalhar. Segundo ele, "o País sempre foi igual, oscilante na economia, mas longe de ter problemas como no próprio Líbano ou outros lugares. É uma terra que deu oportunidade para muitos imigrantes como eu e que ainda pode receber mais pessoas de garra e disposição".

Para o comerciante Hassan, de 61 anos de idade, que afirma trabalhar até 18 horas por dia, o segredo para quem quer viver bem é exatamente este: traba-

lhar e trabalhar. "Vim para ser mecânico. No começo sofri muito, mas, aos poucos, fui conseguindo atingir meu objetivo. Recomendo este País, e Campinas principalmente, para quem precisa de uma oportunidade. Aqui ele terá", explicou.

A saudade do Líbano é grande, garante Hassan, "mas a péssima situação que atravessa aquele país impede qualquer idéia de voltar". A viagem que ele tinha programado para julho, quando iria visitar sua terra natal depois de 20 anos, está ameaçada de não se realizar. Os aviões não estão podendo aterrissar em Beirute, apenas na Síria. "Assim não vou", finalizou.



Hassan Mohamad recomenda o País para quem precisa de oportunidade

JFT 8.2.1.18-4
30672 F.4

"ESTRANGEIROS" ajudam a impulsionar o País: japoneses são mais de dez mil.
Correio Popular, Campinas, 25 jun. 1989.

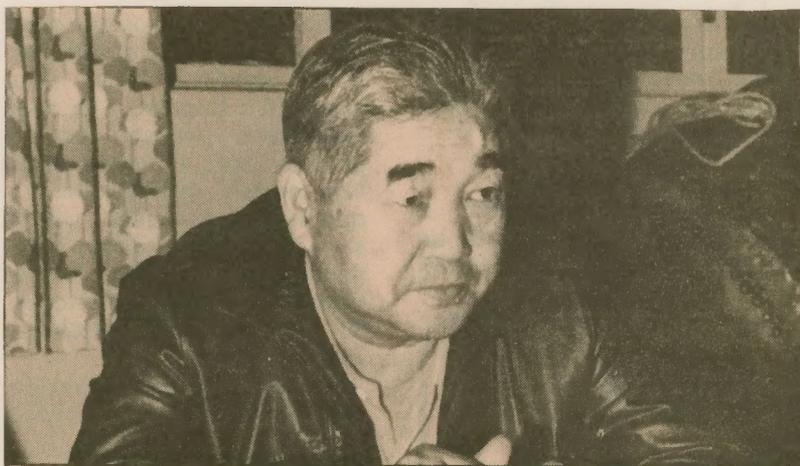
Japoneses são mais de dez mil

Há cerca de 32 anos no Brasil, a maior parte deste tempo em Campinas, Kichiro Konno ainda não domina completamente o português, mas esta é a única dificuldade que ainda enfrenta. Quando deixou o Japão para vir trabalhar na Cooperativa de Cotia, não sabia o que esperar do novo País. Agora, Kichiro Konno, comerciante no Ceasa e presidente o Instituto Cultural Nipo-Brasileiro de Campinas, tem certeza que foi uma ótima opção. "Para quem tem vontade de trabalhar, aqui é muito bom", diz.

A saudade de sua terra natal é grande, afirma Kichiro, tanto que esteve no Japão em abril último. Segundo ele, hoje, aquele país está melhor, já não se resente tanto da guerra como na época em que o deixou, porém o

Brasil é o seu lugar. Casado e com três filhos, nisseis, ele acredita ter realizado o sonho de sua infância: "constituir uma família, trabalhar com dignidade e ser respeitado".

Com 53 anos de idade, Kichiro considera o Japão sua "terra-mãe" e o Brasil sua "terra-pai", tendo uma gratidão eterna ao povo daqui, principalmente o campinheiro. Em seus cálculos, são mais de dez mil os imigrantes japoneses e seus descendentes na cidade, uma colônia que, modestamente, afirma ter ajudado em muito no desenvolvimento da agricultura e da economia. O próprio clube que preside ele destaca como sendo uma contribuição cultural forte, através das festas que constantemente realizam - nas quais as tradições japonesas ainda são mantidas.



Para Kichiro Konno, há 32 anos no Brasil, País é a sua "terra-pai"

"ESTRANGEIROS" ajudam a impulsionar o País: "falta força de vontade ao povo"
Correio Popular, Campinas, 25 jun. 1989.

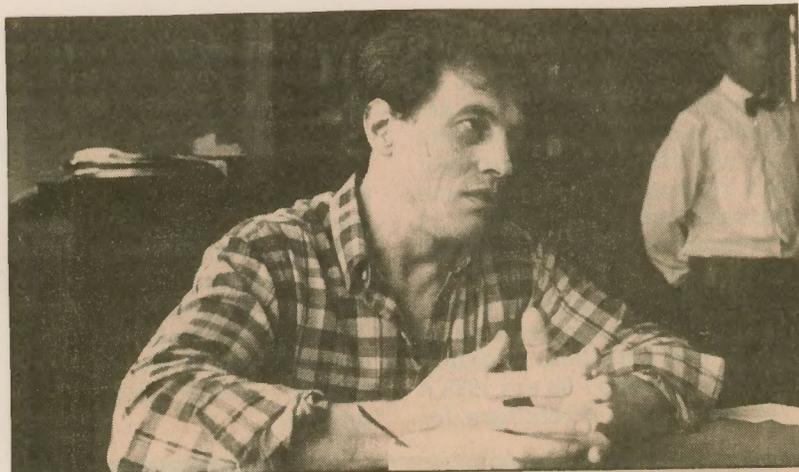
"Falta força de vontade ao povo"

O italiano Renato Valpadana está há apenas três anos no Brasil, porém acredita estar completamente "sintonizado" ao País e ao seu povo. "Não sei, não consigo explicar exatamente, mas vi que este é o meu lugar. Se soubesse antes, com certeza já teria me mudado há muito mais tempo. Já morei no Chile, Uruguai, Austrália, Índia e outros países. Aqui é diferente, especial. Não é um país atrasado como dizem, pois, para quem tem 'cabeça', é o melhor lugar do mundo", afirmou.

Aos 39 anos de idade, dono de um restaurante tipicamente italiano na cidade, Renato explica que já ganhou mais dinheiro em outro ramo - representante comercial de uma multinacional -, mas não vivia tão bem como hoje. "No Brasil, e especialmente

aqui, a vida é simples, todos têm muita liberdade. Isto é uma coisa que prezo muito".

Na sua opinião, o Brasil não seria tão bom sem os imigrantes, que sofreram muito no passado, mas conseguiram ganhar seu "espaço". "Em outros países, como na própria Itália, o povo trabalha muito. Dizem que ganham bem, em dólares, mas tudo é mais caro, mais difícil. Aqui se tem terra em abundância, apenas falta uma força de vontade maior para que a pobreza seja eliminada de vez. A classe alta é que torna a vida complicada para a maioria dos brasileiros. Tenho esperança de que isto mude um dia", comentou Renato, que já conseguiu sua permanência definitiva e tem um filho nascido em sua nova 'pátria'.



Renato Valpadana diz estar totalmente sintonizado com o Brasil